

CULT
DE CULTURA

POP!

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

CADERNO DE RESUMOS



MARX É POP: DA INSPIRAÇÃO CRISTÃ EM MARX À SIMBOLOGIA TRINITÁRIA DO MARXISMO VULGAR

André Daniel Reinke¹²⁴

O presente resumo trata de um levantamento de *insights* iniciais para o desenvolvimento de uma pesquisa tendo em vista a futura escrita e publicação de um artigo, aproveitando a reunião de especialistas em cultura pop para avaliação das possibilidades metodológicas e conceituais do tema proposto.

...

É notória a discordância do papa Bento XVI, Joseph Ratzinger, com os ideais sociais e revolucionários do marxismo. Para o papa alemão há completa incompatibilidade entre a fé cristã e os pressupostos de Marx porque identificou neles “uma forma de *messianismo* baseado na esperança bíblica”.¹²⁵ Para ele, tanto o cristianismo como o marxismo partiram de uma mesma vertente original, o messianismo judaico, mas seguiram direções opostas, o primeiro crendo na salvação no indivíduo Jesus e o segundo na coletividade do proletariado em sua luta contra a classe dominante.¹²⁶ Marx apresenta-se como um profeta que, a exemplo do profetismo do Antigo Testamento, era portador da condenação da situação presente e da promessa de uma nova era, explicitada em seu Manifesto Comunista. Esse documento não deixa de ser uma espécie de *querigma* (mensagem, “proclamação”) especialmente na frase: “Proletários de todos os países, uni-vos!”.¹²⁷ Em Marx, o pecado original é a exploração capitalista, e o povo convocado para um novo êxodo e salvação na Nova Jerusalém é o proletariado.¹²⁸ Em resumo, o que Bento XVI procurava mostrar em suas obras é que a esperança da modernidade em Marx era devedora do cristianismo, derivando dele e nascendo para substituí-lo. Para o papa, cristianismo e marxismo oferecem duas ofertas de salvação, ou duas escatologias.¹²⁹ Por isso, possuem duas metas diferentes: uma Nova Jerusalém transcendente e outra imanente.¹³⁰

O marxismo está sendo entendido por Bento XVI como religião. A concepção não é nova; a perspectiva de escatologia política como consciência histórica visando realização futura já foi defendida por Karl Löwith.¹³¹ Por outro lado, a percepção do aspecto religioso no marxismo não é exclusivo; outras ideologias e sistemas já sofreram tal classificação, como o capitalismo na obra de Walter Benjamin, para quem trata-se de uma religião de culto sem

¹²⁴ Mestre em teologia, doutorando em teologia, Faculdades EST, andre.daniel.reinke@gmail.com.

¹²⁵ ASSUNÇÃO, Rudy Albino. O papa precisa do marxismo? Bento XVI e a incompatibilidade entre a fé cristã e a fé marxista. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 1042-1059, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/3249>>. Acesso em: 3 set. 2020. p. 1045.

¹²⁶ ASSUNÇÃO, 2012, p. 1046.

¹²⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; COGGIOLA, Osvaldo. *Manifesto comunista*. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

¹²⁸ ASSUNÇÃO, 2012, p. 1051.

¹²⁹ ASSUNÇÃO, 2012, p. 1053-1054.

¹³⁰ ASSUNÇÃO, 2012, p. 1056.

¹³¹ LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, s.d.



dogma.¹³² Hugo Assmann também conceituou o mercado capitalista em termos religiosos, classificando-o como idolatria justamente por sequestrar aspectos essenciais do cristianismo e produzir uma religião econômica se alimentando de uma ideologia sacrificial própria ao sistema.¹³³ Se noções capitalistas e marxistas estão prenhes de princípios cristãos em sua base conceitual, o mesmo acontece com as ideologias políticas da modernidade, conforme analisa Raoul Girardet.¹³⁴ Para ele, toda a ideologia política contemporânea está fundada sobre narrativas míticas conduzindo os embates em cada pleito eleitoral. O messianismo da política contemporânea apresenta grandes conjuntos discursivos mitológicos que ele resume em Conspiração, Idade de Ouro, Salvador e Unidade.¹³⁵

Tratam-se de conceitos amplos e fascinantes. Mas nossa pesquisa se restringe ao caso da escola oriunda de Marx, menos explorada pela academia de teologia. Embora se possa questionar o entendimento do marxismo como oposto direto do cristianismo (pois o capitalismo também pode ser entendido como tal), a análise da doutrina ter um imaginário escatológico fundado na fé cristã não está equivocada. A base judaico-cristã de Karl Marx é bastante conhecida e explorada pelo filósofo Enrique Dussel, revelando um jovem Marx profundamente influenciado pela base pietista luterana em sua cidade natal e no ambiente hegeliano de Berlin,¹³⁶ o que teria provido as bases fundamentais para o uso intenso de metáforas teológicas em seus textos, especialmente na obra máxima *O Capital*.¹³⁷ Nosso pressuposto, portanto, é que a tendência escatológica de origem cristã percebida no marxismo já possui suas bases firmemente plantadas pelo próprio fundador da escola.

...

O fato do marxismo ter origens conceituais na escatologia cristã reverbera, em nossa opinião, em todo o imaginário do movimento. Nesse caso não estamos tratando do saber acadêmico das escolas sociológicas ou historiográficas, que utilizam Marx como ferramenta metodológica, mas no contexto político-partidário, onde o messianismo se faz presente com ainda mais força. Estamos tratando de uma legião de militantes classificados pelo historiador Eric Hobsbawm como “marxistas vulgares”, ideólogos apegados superficialmente a determinados aspectos da obra de Marx em detrimento de uma análise mais profunda e apropriada.¹³⁸ Essa vertente geralmente é a mais entusiasmada e imaginativa na busca da transformação social, embora sem muito conhecimento científico. Nela, como um fenômeno popular, podemos encontrar as mais claras apropriações de uma linguagem escatológica e religiosa.

Na manifestação política de raiz messiânica ocorre a escolha de um “salvador” em uma era de trevas e decadência, como bem trabalha Girardet, com a eleição de “santos”

¹³² BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹³³ ASSMANN, Hugo. HINKELAMMERT, Franz. *Idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo: Vozes, 1989. p. 7.

¹³⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹³⁵ GIRARDET, 1987, p. 12.

¹³⁶ DUSSEL, Enrique. *Las metáforas teológicas de Marx*. Estella (Espanha): Verbo Divino, 1993. p. 12.

¹³⁷ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹³⁸ HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 159.



consagrados pelos seguidores da doutrina. Essa relação religiosa manifesta-se em casos extremos, como na veneração não-canônica ao ícone de Che Guevara em Vallegrande (Bolívia), diante do qual são depositadas oferendas e pedidos de ajuda espiritual, como a qualquer santo católico.¹³⁹ Mas também aparece de maneira bem mais sutil na forma iconográfica da cultura pop. Este é nosso principal foco de pesquisa.

A forma como a figura de Ernesto Guevara foi apropriada pela cultura pop é impressionante. Ele não apenas foi explorado por marxistas, mas também tornou-se uma das marcas mais bem sucedidas do mundo capitalista, tão reconhecido quanto os arcos do McDonald's ou o *swosh* da Nike.¹⁴⁰ Entre os diversos usos da imagem do revolucionário está sua comparação com a figura de Jesus Cristo. Esta é a que mais nos interessa porque vinculada diretamente à sua trágica morte. É relevante a obra publicada pelo médico Reginaldo Arze, testemunha do momento em que o corpo de Guevara foi trazido para Vallegrande e autor do livro com o sugestivo título *Vida, morte e ressurreição de Che*.¹⁴¹ O médico e jornalista publicou as fotografias do cadáver de Che e se referiu ao rosto do cadáver como:

um rosto lindo, como os artistas nos mostram Jesus, com os olhos abertos, brilhantes, tranquilos, serenos, fez com que, desde o primeiro momento, ele fosse comparado com Jesus Cristo, talvez não só por este fato, mas também porque o povo de Vallegrande pôde compreender que morreu por uma causa justa, como morreu Jesus.¹⁴²

A relação do corpo morto de Guevara com as cenas eternizadas pela arte cristã mostram o quanto ele pôde ser realmente ligado ao evento salvífico cristão. O martírio, o fato de morrer por uma causa justa, remete irremediavelmente a Jesus Cristo.

¹³⁹ SOUZA, Anaelson Leandro de; NUNES, Adailton Rocha; SILVA, Marcela Bomfim da; RODRIGUES, Taisa Moura. A devoção popular não canônica de Che Guevara em Vallegrande, Bolívia. *Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0784-1.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2020. p. 5.

¹⁴⁰ KAKUTANI, Michiko. *Brand Che: Revolutionary as Marketer's Dream*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/04/21/books/21kaku.html>>. Acesso em: 3 set. 2020. O artigo do jornalista trata de um livro a ser analisado para esta pesquisa: CASEY, Michael. *Che's Afterlife*. New York: Vintage Books, 2009.

¹⁴¹ ARZE, Reginaldo Ustariz. *Vida, morte e ressurreição de Che*. São Paulo: Brasbol, 2004.

¹⁴² O impacto do cadáver de Che Guevara: entrevista com Reginaldo Ustariz Arze. *IHU Online*, São Leopoldo, 2007, n. 239, p. 8-13. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao239.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2020. p. 12.



Figura 1. Lamentação sobre o Cristo Morto, pintura de Andrea Mantegna; Lamentação de Cristo, pintura de Anthony van Dyck; fotografias do corpo de Che Guevara em Vallegrande (Bolívia).

Precisamente o caráter sacralizado de Che Guevara nos interessa nessa reflexão. Seu rosto em vida e seu corpo em morte foram claramente identificados com Jesus Cristo por marxistas “vulgares”, por assim dizer, e eternizados na cultura pop. A presente pesquisa pretende avançar na análise da apropriação imagética por parte do marxismo vulgar e, em maneira mais ampla, pela cultura pop. Se Che é identificado como o Filho, o Servo Sofredor a padecer a cruz pelos humildes desse mundo, podemos expandir a análise para outras figuras importantes do marxismo. E nesse sentido desponta um “pai” para esse “filho”, ninguém menos do que Karl Marx. Ele é outra personalidade a ter a imagem fartamente explorada no universo da cultura pop também a partir de uma única fotografia. Marx é o Pai do marxismo: um homem idoso, com longas barbas brancas e olhar severo. Che Guevara é o Filho do marxismo: um homem jovem, com barba curta e olhar terno e compassivo. Um é mais distante, imperial; o outro é próximo e simpático. O primeiro nos deu a sua Palavra, o Capital; o segundo nos deu sua vida, morrendo na luta contra a força das trevas. De um procedeu um livro e seus mandamentos; de outro, a personalidade e ação salvadora.

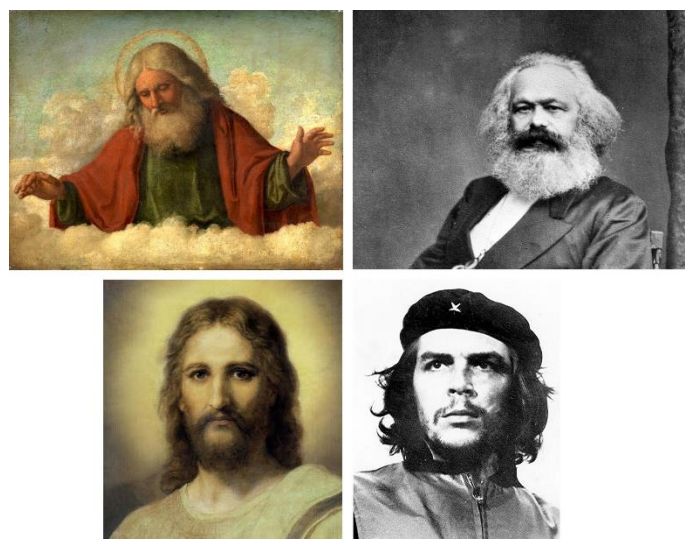


Figura 2. Deus o Pai, pintura de Cima da Conegliano; fotografia de Karl Marx; Jesus Cristo aos 33 Antique 159, pintura de Heinrich Hofmann; fotografia de Ernesto Che Guevara.

Estaríamos tratando de uma santíssima trindade marxista? É possível que sim. Se considerarmos que a imagem de Engels é pouco usada ou quase nunca reconhecida, embora seu nome seja sempre ligado ao de Marx, não teríamos nele uma espécie de figura do Espírito Santo, presente na Trindade mas quase nunca imaginado em sua personalidade? Enfim, temos motivos para avançar na pesquisa iconográfica das maiores personalidades do marxismo como elementos da cultura pop, deificados como representação trinitária do marxismo vulgar.



Figura 3. Pesquisa em Google Imagens com os termos “Che Guevara cultura pop” e “Marx cultura pop”.

A análise do fenômeno será feita pela pesquisa bibliográfica referida, invocando autores como Girardet e Löwith para o sentido escatológico da visão de história do marxismo. Pode ser profícuo o estudo dos conceitos de religião e fé de Paul Tillich, compreendendo o



entusiasmo revolucionário em seu tónus mais religioso.¹⁴³ A construção do messias Guevara poderá ser analisada na produção cinematográfica em torno de Che em obras como *Diários de Motocicleta*, a qual não deixa de ter seu aspecto cristológico pela construção da ternura de um homem descobrindo os pesares do mundo – a relação com os leprosos do “outro lado do rio” é um tanto emblemática. As imagens captadas de Marx e Che deverão ser analisadas sob a ótica da arte pop, na qual poderão ser buscados estudos em torno da arte construtivista russa.

Enfim, há um vasto campo a ser delimitado, pesquisado e explorado no entrecruzamento da teologia, ideologia política e produção imagética da cultura pop.

Palavras-chave: Marxismo vulgar; religião política; iconografia cristã; cultura pop.

Referências:

ASSMANN, Hugo. HINKELAMMERT, Franz. *Idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo: Vozes, 1989.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino. O papa precisa do marxismo? Bento XVI e a incompatibilidade entre a fé cristã e a fé marxista. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 1042-1059, jul./set. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/3249>. Acesso em: 3 set. 2020.

BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

CASEY, Michael. *Che's Afterlife*. New York: Vintage Books, 2009.

DUSSEL, Enrique. *Las metáforas teológicas de Marx*. Estella (Espanha): Verbo Divino, 1993.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAKUTANI, Michiko. *Brand Che: Revolutionary as Marketer's Dream*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/04/21/books/21kaku.html>. Acesso em: 3 set. 2020.

LÖWYTH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, s.d.

¹⁴³ TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.



MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; COGGIOLA, Osvaldo. *Manifesto comunista*. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.
O impacto do cadáver de Che Guevara: entrevista com Reginaldo Ustariz Arze. *IHU Online*, São Leopoldo, 2007, n. 239, p. 8-13. Disponível em:
<<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao239.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2020.

SOUZA, Anaelson Leandro de; NUNES, Adailton Rocha; SILVA, Marcela Bomfim da;

RODRIGUES, Taisa Moura. A devoção popular não canônica de Che Guevara em Vallegrande, Bolívia. *Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0784-1.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2020.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.